

**PET Indígena**

25 de junho de 2020 · 🌐



Olá, me chamo Deusimar Maciel dos Santos, tenho 1 filho, sou pedagoga da Escola Indígena João Batista Macial, sou do povo Galibi-Marworno, da Aldeia Tukay. Quando começou a surgir os novos casos no Amapá, nós estávamos iniciando o ano letivo e tivemos que paralisar as aulas. Nós reunimos a comunidade e, juntamente com a coordenadora da Escola, informamos o porquê de ser paralisada as aulas, informamos também que a gente não sabia quando voltaria novamente, devido ao vírus que já estava no Estado do Amapá, nós tínhamos que nos prevenir e manter a nossa segurança, manter a segurança da comunidade. Desde então, recebemos orientações de como nos prevenir, que tínhamos que permanecer aqui na aldeia e não ir para a cidade para não nós infectar.

A preocupação mais desesperadora foi quando os casos começaram a surgir em Oiapoque. Eu, recentemente tive uma perda e, com isso, acabei por desenvolver uma certa ansiedade, conforme os casos apareciam a minha ansiedade piorava e o medo, a angústia e o desespero tomavam conta. Minha preocupação, a minha angústia era sempre com os meus parentes, meu filho, minha mãe que é diabética, o meu pai, a minha avó e também com todas os parentes indígenas. Eu ficava desesperada em saber que a gente não conhecia o vírus e a gente não conhecia como o nosso organismo iria reagir diante dessa doença, se caso alguém se infectasse.

Quando começou a aparecer os casos lá na Aldeia Kumarumã, todos nós ficamos preocupados, porque todos nós aqui da aldeia temos parentes no Kumarumã e a minha mãe ficou mais preocupada com meu irmão, que mora lá. Ela estava sem notícias dele, nós mandávamos mensagem no whatsapp querendo saber notícias dele, de como ele estava, ele e a família dele, se ele estava se prevenindo, se eles estavam bem. Então, depois de uns dias, ele respondeu dizendo que estavam bem, mas que a doença já tinha chegado lá e tinha muitos parentes nossos que haviam sido infectados, que estavam bem ruins, mas que a comunidade estava tratando com remédio caseiro e alguns já estavam com sintomas leves. Ele disse que minha avó, já bem idosa, também tinha sido infectada e que ela estava muito fraca, que ela não se alimentava direito e, devido a isso e a doença, ela ficou muito, muito fraca. Meu irmão disse que a minha avó pedia para o meu pai – a que mora aqui, na Aldeia Tukay – visitasse ela, pois ela estava sentindo falta dele, porque fazia um tempão que ele não a visitava. Tudo isso acontecendo e minha avó estava pedindo para meu pai ir visitá-la na aldeia. Então a gente ficou preocupado com a saída dele para lá, mas com a graça de Deus ele está bem, ele não foi infectado ainda, é muito preocupante para nós, filhos, com os nossos pais idosos, em risco de serem infectados, porque eles são mais fracos diante dessa doença.

Quando começou a pandemia da Covid-19, quem sempre fazia as compras em Oiapoque era eu e o meu irmão mais novo, nós fazíamos as compras sempre nos higienizando, tomando todos os cuidados, mas esse meu irmão começou a apresentar sintomas de dor de cabeça, febre, dor no corpo, frio. Nós pensávamos que era uma gripe normal, que ele não tinha sido infectado, só que ninguém fez o teste para saber se era ou não a Covid-19. Mas a gente tomava remédio

caseiro, chá, a gente recebeu orientações dos nossos parentes mais idosos, a gente fazia chá e tomava. Meus pais também tomavam, minha mãe e meu pai não apresentaram sintomas mais graves. No dia 14 de junho eu comecei a sentir os sintomas, com uma enorme dor no corpo inteiro, fraqueza, dor de cabeça, frio... Dois dias depois fui me consultar no Sentinela, fui medicada e tomei todos os remédios e os sintomas foram desaparecendo, mas a minha preocupação maior era com meu filho que dormia comigo e vivia comigo o dia inteiro. Como iria ficar se ele pegasse? Como iria cuidar dele, ele doente e eu doente? Como a minha preocupação era com ele, comecei a me afastar dele, comecei a dormir sozinha em um quarto e ele ficou sozinho no outro, fiquei mais distante dele. Ele me perguntava porque eu não queria mais abraçar ele, e eu tinha que explicar para ele o porquê que eu não podia. Ele entendia o porquê, mas depois ele de novo, perguntava também se depois eu iria voltar a abraçar ele. Eu dizia que sim, quando eu melhorasse eu iria voltar a abraçar ele e a gente teria a vida normal. Eu fiz o teste, só que eu não peguei o resultado ainda, mas com os remédios que me passaram, além dos remédios caseiros, eu fui melhorando, começou a sumir a dor no corpo, as fraquezas, só as vezes que tenho leves dores de cabeça, uma dor de cabeça não muito forte mas que incomoda, senti que eu tinha perdido o paladar e o olfato, não conseguia sentir o cheiro de nada, nem sentir o gosto de nada. Passei uns dias lá no Oiapoque e, como eu já estava bem melhor, me recuperando, resolvi voltar para a aldeia. Quando eu cheguei na Aldeia Tukay vi que a maioria das pessoas estavam sentindo esses mesmos sintomas que eu tive, sintomas leves e febre, dor de cabeça. Percebi que minha mãe também estava com esses sintomas e eu fiquei muito preocupada com ela porque ela é diabética, mas ela também já estava tomando os remédios caseiros, muito antes dela sentir os sintomas. Eu creio que devido a esses remédios caseiros nós só sentimos esses sintomas leves, que não nos ocasionaram coisas piores, e o meu filho, graças a Deus, até agora está bem e não tem nenhum sintoma. Hoje eu percebo o quanto o conhecimento tradicional indígena é importante para nós, o quanto a medicina indígena fez a diferença!

Aldeia Tukay, 23 de junho de 2020.

Texto recebido em áudio e transcrito por Danilo Cavalcante de Souza

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)
[#FalaParente](#)

Salut, je m'appelle Deusimar Maciel dos Santos, j'ai 1 fils, je suis pédagogue de l'École Indigène João Batista Macial, je suis du peuple Galibi-Marworno, du Village Tukay. Quand les nouveaux cas à Amapá ont commencé, nous débutions l'année scolaire et on a dû arrêter les cours. Nous avons réuni la communauté et, ensemble avec la coordonnatrice de l'École, nous avons informé le pourquoi d'avoir arrêter les cours, nous avons informé aussi qu'on ne savait pas quand allons nous retourner à nouveau, à cause du virus qui était déjà dans l'État d'Amapá, nous devons nous prévenir et garder notre sécurité, garder la sécurité de la communauté. Depuis lors, nous avons reçu des orientations de comment nous prévenir, que nous devons rester ici dans le village et ne pas aller en ville pour ne pas nous infecter.

La préoccupation la plus désespérante était quand les cas ont commencé à surgir à Oiapoque. Moi récemment, j'ai eu une perte et j'ai commencé à développer une certaine anxiété,

conformément aux cas qui apparaissaient, mon anxiété s'aggravait et la peur, l'angoisse et le désespoir ont pris le dessus. Ma préoccupation, mon angoisse étaient toujours à cause de mes parents, mon fils, ma mère qui est diabétique, mon père, ma grand-mère mais aussi à cause de tous les parents indigènes. J'étais désespérée à l'idée de savoir qu'on ne connaissait pas le virus, et qu'on ne connaissait pas comment notre organisme allait réagir en face de cette maladie, au cas où quelqu'un s'infecterait.

Quand les cas ont commencé à apparaître là dans le village Kumarumã, nous étions tous préoccupés, parce que tous ceux d'ici du village avons des parents à Kumarumã et ma mère était plus préoccupée par mon frère, qui vit là. Elle était sans nouvelles de lui, nous avons envoyé des messages sur whatsapp afin d'avoir de ses nouvelles, de savoir comment il allait, lui et sa famille, s'il se prévenait, si ils allaient bien. Alors, après quelques jours, il répondit disant qu'ils allaient bien, mais que la maladie était déjà là et qu'il y avait beaucoup de nos parents qui étaient infectés, qu'ils allaient très mal, mais que la communauté traitait avec des remèdes maisons et que certains étaient déjà avec des symptômes légers. Il a dit que ma grand-mère, déjà bien âgée, était aussi contaminée et qu'elle était très faible, elle n'arrivait pas à bien s'alimenter et, due à cela et à la maladie, elle était très, très faible. Mon frère a dit que ma grand-mère demandait à mon père qui vivait ici, dans le village Tukay de lui rendre visite, parce qu'il lui manquait, parce que ça faisait longtemps qu'il ne lui a pas rendu visite. Tout cela arrivait et ma grand-mère demandait à mon père d'aller lui rendre visite dans le village. Alors on était préoccupé avec sa sortie pour là-bas, mais avec la grâce de Dieu, il va bien, il n'a pas été infecté, c'est très inquiétant pour nous les enfants, avec nos parents âgés, au risque qu'ils soient infectés, parce qu'ils sont plus faibles en face de cette maladie.

Quand la pandémie du Covid-19 a commencé, les personnes qui faisaient toujours les achats à Oiapoque étaient moi et mon petit frère, nous faisons toujours les achats en nous hygiénisant, en prenant toutes les mesures, mais mon frère a commencé à présenter des symptômes de maux de tête, fièvre, douleurs au corps, froid. Nous pensions que c'était une grippe normale, qu'il n'était pas infecté, seulement que personne ne fit le test pour savoir si c'était le covid-19 ou pas. Mais on buvait un remède maison, du thé, on a reçu des orientations de nos parents plus âgés, on faisait du thé et en buvait. Mes parents aussi buvaient, ma mère et mon père n'ont pas présenter de symptômes plus graves. Le 14 juin, j'ai commencé à sentir les symptômes, une énorme douleur dans mon corps entier, faiblesse, maux de tête, froid... Deux jours après, je suis allée me consulter à Sentinela, j'ai été médicamenté et pris tous les médicaments et les symptômes ont commencé à disparaître, mais ma grande préoccupation était mon fils qui dormait et vivait avec moi la journée entière. Comment serait s'il était infecté ? Comment j'allais prendre soin de lui, lui malade et moi malade ? Comme j'étais préoccupé par lui, j'ai commencé à m'éloigner de lui, j'ai commencé à dormir seule dans une chambre et lui restait seul dans une autre, je suis restée plus distante de lui. Il me demandait pourquoi je ne voulais plus l'embrasser et j'ai dû lui expliquer pourquoi je ne pouvais plus. Il comprenait pourquoi, mais, me demandait à nouveau si après j'allais recommencé à l'embrasser. Je disais que oui, quand j'allais me remettre, je retournerais à l'embrasser et qu'on aura une vie normale.

J'ai fais le test, seulement que je n'ai pas encore eu le résultat, mais avec les médicaments qu'ils m'ont donné, en plus des remèdes maisons, ma santé s'est améliorée, la douleur du corps

a commencé à disparaître, les faiblesses, seulement parfois que j'ai de légers maux de tête, un maux de tête pas trop fort mais qui dérange, j'ai senti que j'avais perdu le goût et l'odeur, je n'arrivais plus à sentir l'odeur de rien, ni le goût de rien. J'ai passé quelques jours là à Oiapoque et, comme j'allais mieux, me récupérant, j'ai décidé de retourner au village. Quand je suis arrivée dans le village Tukay, j'ai vu que la majorité des personnes avaient les mêmes symptômes que j'ai eu, symptômes légers et fièvre, maux de tête. J'ai vu que ma mère aussi avait ces symptômes et j'étais très inquiète pour elle parce qu'elle est diabétique, mais elle aussi prenait déjà les remèdes maisons bien avant de sentir les symptômes. Je crois que c'est grâce à ces remèdes maisons que nous avons seulement ces symptômes légers, qui n'ont pas causé des choses pires, et mon fils, grâce à Dieu, jusqu'à maintenant se porte bien et n'a eu aucun symptôme. Aujourd'hui, je me rends compte à quel point la connaissance traditionnelle indigène est importante pour nous, à quel point la médecine indigène a fait la différence!

Village Tukay, 23 Juin 2020.

Traduit par Manuella Adèle Fifamè CHOKKI

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#)

Hello, my name is Deusimar Maciel dos Santos, I have a son, I am a pedagogue at the João Batista Macial Indigenous School, I belong to the Galibi-Marworno people, from Tukay Village. When the new cases started to appear in Amapá, we were starting the school year and had to stop classes. We brought the community together with the School coordinator, we informed them why the classes were stopped, we also informed them that we did not know when we would return again, due to the virus that was already in the State of Amapá, we had to prevent ourselves and keep our security, keep the community safe.

Since then, we have received guidance on how to prevent ourselves, that we had to stay here in the village and not go to the city so that we don't become infected. The most desperate concern was when the cases started to arise in Oiapoque. I recently had a loss and, with that, I ended up developing a certain anxiety, as the cases appeared my anxiety worsened and fear, anguish and despair took over. My concern, my anguish was always with my relatives, my son, my mother who is diabetic, my father, my grandmother and also with all the indigenous relatives.

I was desperate to know that we did not know the virus and we did not know how our organism would react to this disease, if someone became infected. When the cases started to appear there in the village Kumarumã, we were all concerned, because all of us here in the village have relatives in Kumarumã and my mother was more concerned about my brother who lives there. She was without news from him, we sent a message on whatsapp wanting to hear from him, how he was doing, he and his family, if he was taking precautions, if they were okay. Then, after a few days, he replied saying that they were fine, but that the disease had already arrived and that there were many relatives of ours who had been infected, who were very bad, but that the community was treating them with home remedies and some were already with mild symptoms. He said that my grandmother, already very old, had also been infected and that she was very weak, that she did not eat well and, because of this and the disease, she became

very, very weak. My brother said that my grandmother asked my father, the one who lives here, in the village Tukay to visit her, because she was missing him, because he hadn't visited her in a long time. All of this was happening and my grandmother was asking my father to visit her in the village. So we were worried about him leaving, but with the grace of God he is fine, he has not been infected yet, it is very worrying for us children, with our elderly parents, at risk of being infected, because they are weaker in the face of this disease. When the Covid-19 pandemic started, my youngest brother and I always did the shopping in Oiapoque, we always did the shopping by cleaning ourselves, taking care, but this brother of mine started to show headache symptoms, fever, body pain, cold. We thought it was a normal flu, that he hadn't been infected, except that no one was tested to see if it was Covid-19 or not. But we took home remedies, tea, we received guidance from our older relatives, we made tea and drank. My parents took it too, my mother and my father had no more severe symptoms.

On June 14th, I started to feel the symptoms, with a huge pain in the whole body, weakness, headache, cold ... Two days later I went to see the Sentinel, I was medicated and I took all the remedies and the symptoms were disappearing, but my biggest concern was with my son who slept with me and lived with me all day. How would it be if he took it? How would I take care of him, he was sick and I was sick?

As my concern was with him, I started to get away from him, I started sleeping alone in one room and he was alone in the other, I was more distant from him. He asked me why I didn't want to hug him anymore, and I had to explain to him why I couldn't. He understood why but, then he again, also asked if I would hug him again. I said yes, when I got better I would hug him again and we would have a normal life. I did the test but, I didn't get the result yet, but with the remedies that were given to me, in addition to the home remedies. I got better, the pain in my body, the weaknesses started to disappear, only when I have mild headache, a headache not very strong but that bothers me, I felt that I had lost my taste and smell, I could not smell anything, nor taste anything. I spent a few days there in Oiapoque and, as I was already much better, recovering, I decided to return to the village. When I arrived at Tukay Village I saw that most people were experiencing the same symptoms that I had, mild symptoms and fever, headache.

I realized that my mother also had these symptoms and I was very worried about her because she is diabetic, but she was also taking home remedies, long before she experienced the symptoms. I believe that due to these home remedies, we only feel these mild symptoms, which have not caused us any worse things, and my son, thank God, so far is fine and has no symptoms. Today I realize how the traditional indigenous knowledge is important to us, how much indigenous medicine has made a difference!

Tukay Village, June 23, 2020.

Translated by Johnson Morancy

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#)
[#FalaParente](#)

¡Hola! Ma llamo Deusimar Maciel dos Santos, tengo un hijo, soy pedagoga de la Escuela Indígena Juan Bautista Macial, soy del pueblo Galibi-Marworno, de la aldea Tukay. Cuando

comenzó a surgir los nuevos casos en Amapá, nosotros estábamos iniciando el año lectivo y tuvimos que paralizar las clases. Nosotros reunimos a la comunidad, junto con la coordinadora de la escuela, informamos el porqué son paralizadas las clases e informamos también que no sabíamos cuando comenzarían, debido al virus que ya estaba en el estado de Amapá, teníamos que prevenir nos y mantener nuestra seguridad, mantener la seguridad de la comunidad. Desde ese momento recibimos orientaciones de como prevenir la enfermedad, que teníamos que permanecer en la aldea y no ir a la ciudad para no contagiar nos. La situación más desesperante fue cuando los casos comenzaron a surgir en Oiapoque.

Recientemente tuve una perdida y con eso acabé desarrollando una cierta ansiedad, conforme aparecían los casos mi ansiedad aumentaba, el miedo, la angustia y el desespero se adueñaron de mi. Mi preocupación, mi angustia se centraba en mis parientes, mi hijo, mi madre que es diabética, mi padre, mi abuela y también con todos los parientes indígenas. Me quedaba desesperada al saber que no conocemos el virus y que no sabíamos como nuestro organismo reaccionaría ante la enfermedad, en caso de que alguien se infecte. Cuando comenzó a aparecer los casos en la aldea Kumarumã, todos nos quedamos preocupados porque todos tenemos familia en Kumarumã, mi madre se quedó más preocupada por mi hermano que vive allí. Ella estaba sin noticias de él, le mandábamos mensajes al WhatsApp, para tener noticias de él, de cómo estaba él y su familia, y si se prevenían.

Después de unos días él respondió, diciendo que estaban bien, pero que la enfermedad había llegado allí y habían muchos parientes nuestros que han sido infectados, que estaban mal, pero que la comunidad estaba usando remedios caseros y algunos estaban con síntomas leves. Él dijo que mi abuela, muy vieja ya, también fue infectada y estaba muy débil, ella no se alimentaba bien, debido a eso y a la enfermedad ella se ponía más débil. Mi hermano dijo que, mi abuela le dijo a mi padre que está aquí en Tukay, a que él la visitase, porque le echaba de menos y hacia mucho tiempo que no la visitaba. Todo esto aconteciendo y mi abuela pidiendo a mi padre a que la visitase. Por lo tanto nos quedamos preocupados con la salida de mi padre, pero gracias a Dios él está bien, él no fue afectado todavía, es preocupante para nosotros, hijos con padres ancianos, con riesgo de que sean infectados, porque ellos son más débiles ante la enfermedad. Cuando comenzó la pandemia de Covid-19, quien siempre hacía la compra era yo y mi hermanito, hacíamos las compras teniendo cuidado, pero mi hermano comenzó a presentar síntomas de dolor de cabeza, fiebre, dolor de cuerpo, frío. Pensábamos que era una gripe normal, que él no fue infectado, solo que nadie hizo la prueba para saber si era o no el Covid-19. Pero tomábamos remedios caseros, té, recibimos orientaciones de nuestros ancianos, tomábamos té.

Mis padres también tomaban té, no presentaron síntomas graves.

En el día 14 de junio comencé a sentir los síntomas, con un enorme dolor de cuerpo, debilidad, dolor de cabeza, frío. Dos días después fui a hacer la consulta médica, me dieron la receta, tomé los remedios y los síntomas fueron desapareciendo, pero mi preocupación es con mi hijo, que vivía y dormía conmigo. ¿Cómo me pondría si el se contagiase? ¿Cómo le cuidaría si los dos estuviésemos enfermos? Como mi preocupación era con él comenzamos a dormir en cuartos distintos. Mi hijo me preguntó que porqué no quería abrazarle más y tenía que explicarle el porqué no podía. Él entendía el porqué, pero también preguntaba si volvería a abrazarle. Le

decía que sí, que cuando me ponga mejor le abrazaría y tendríamos una vida normal. Hice la prueba del Covid-19, solo que no cogí el resultado todavía, pero con los remedios que me dieron, a parte de los remedios caseros, yo me fui mejorando, comenzó a desaparecer el dolor de cabeza, la debilidad. solo a veces tengo leves dolores de cabeza, un dolor incómodo pero no fuerte, sentía que había perdido el paladar y el olfato, no sentía el olor, ni el gusto, pasé unos días en Oiapoque, como ya me estaba recuperando decidí volver a la aldea. Cuando volví a la aldea Tukay, vi que la mayoría estaba sintiendo los mismos síntomas que yo tuve, síntomas leves de dolor de cabeza y fiebre. Percibí que mi madre estaba con los mismos síntomas y me quedé preocupada por ella, porque ella es diabética, pero ella también estaba tomando los remedios caseros, nosotros solo sentimos esos síntomas leves, que no nos ocasionaron cosas peores, mi hijo hasta ahora está bien, no tiene ningún síntoma grave. ¡ Hoy percibo lo cuanto el conocimiento tradicional indígena es importante para nosotros, el cuanto la medicina indígena hace la diferencia!


Aldea Tukay, Oiapoque, Amapá, Brasil.

23 de junio de 2020.

Traducido por Benjamin Mba Abuy Nfumu



[#OPET](#) [#NãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#)





PET Indígena
Site educacional

[Enviar mensagem](#)

  184

37 comentários 82 compartilhamentos